



SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DIRECTOR
AUGUSTO**O SECULO**DE SANTA
RITA**TANTAS VEZES VAI O****CÂNTARO À FONTE...**

Por ISOLDINA

NO Reino de Vampirândia havia grande sobresalto.

Os seus habitantes ansiavam pelas últimas notícias; andavam aflitos, saindo nobres e plebeus das suas moradas, misturando-se, irmanando-se pelo mesmo desejo de saber se seria verdade o que tinham dito dois viajantes na sua rápida passagem por aqueles sítios.

Na cidade de Kol-Xões havia importante reunião nesse dia. Esperava-se grande número de representantes das mais nobres famílias das redondezas. Eram os senhores de Alisares; os senhores de Frinchas; e, os mais respeitados entre todos, os senhores de Lambris, etc., etc.

Foram chegando todos e só se esperava a mensageira — o correio das novidades: — D. Pulga Pinchona, a mais ladina e atrevida dama da «Sociedade Parasitária».

Já fôra condecorada pela sua audácia em se meter em todos os cantos desprezando o perigo, e pela habilidade em furtar-se, ágilmente, em campo inimigo, aos mais hábeis dedos caçadores. Tão depressa estava no pescoço da Mimi como num pé da Lólo, ou junto do ouvido da Néné. Assim, tudo via e sabia, indo logo transmiti-lo aos seus camaradas. Haviam sabido que, após uma noite de lauto banquete, no qual a vítima escolhida fôra o Bébé, que dormira essa noite com a mãizinha, e esbracejara tanto e tanto gritara que tiveram de averiguar a causa disso; então, vendo umas manchas vermelhas no tenro corpinho da criança, juraram procurar, exterminar essa raça maldita de vampiros. Eis porque andavam todos, como se costuma dizer, sobre brasas.

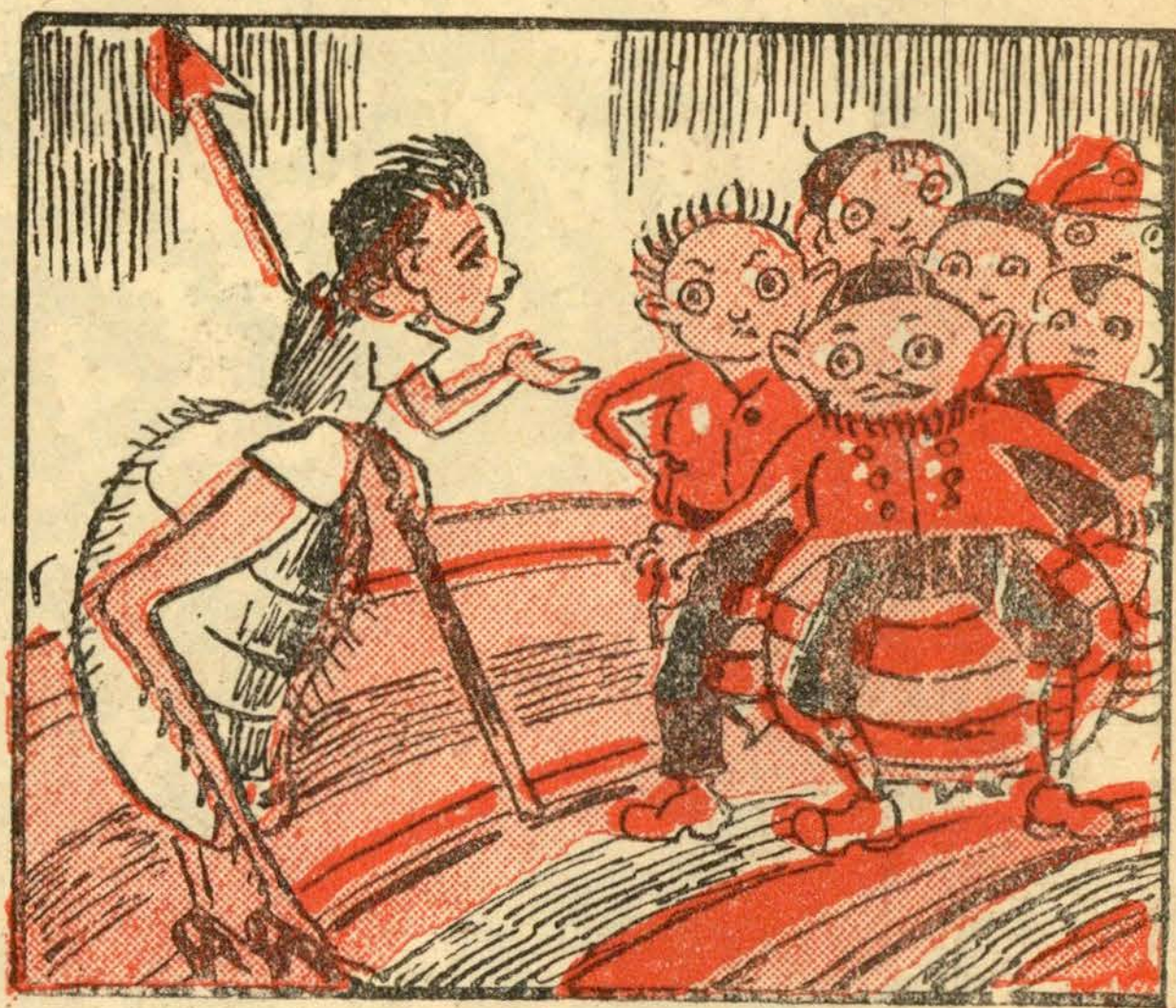
Logo que D. Pulga Pinchona, de um salto, caíu no meio da numerosa assistência (sem cerimónia nenhuma, como era seu costume) choveram as perguntas de todos os lados:

— «Então, D. Pulguinha? Que dizem, querida amiga? «É verdade?...» etc., etc.

Mas ela, irreverentemente, tapou os ouvidos com as mãos.

— «Ai, camaradas; até já estou atordoada. Silêncio, se querem ouvir-me!...

Depois, olhou em roda, sorriu com ironia, após o que soltou uma grande gargalhada, tal o aspecto daquelas caras de percevejos assustados.



— «Eia! o que aí vai de medo! Pois, meus caros, façam como eu que não tenho morada certa. Quando me procuram aqui, já estou ali, e educo os meus filhos assim. De pequeninos ensino-lhes logo o salto mortal que, neste caso, é o salto vital. Saltando a tempo, livram-se sempre da morte, e morrerão de velhice.»

— «Pois sim; mas a senhora escusava de nos meter em tais assados. Vivíamos sossegados nas nossas tocas, criando a filharada em paz, e cá nos íamos sustentando, com o sangue da D. Felisberta. Essa, assim que atira aqueles 90 quilos de carne para a cama fica-se logo a tocar trombone, não sentindo que a chupamos até não querer mais, e chegava-nos muito bem, para nosso sustento, com a ama do pimpólho. Mas a D. Pulga veio tentar-nos o apetite, oferecendo-nos um bom pitéu — sanguinho novo — e,

(Continua na página 8)



Ranço
937

PARA CANTAR NA NOITE DE SANTO ANTONIO

POR JOAQUIM COSTA

EU duvido, Santo António,
Do teu poder milagreiro.
Casas as moças de-pressa,
E tu ficaste solteiro?!

Santo António amou um dia,
E caíu em tentação;
Quem amar tenha cuidado,
Tenha cuidado, senão...

Se fores à fonte, a deshoras,
Toma tento, minh'amada;
A virtude é como o vidro,
Pode quebrar-se de nada.

«CAMPING»

Por FLECHA SIBILANTE

1.ª LIÇÃO BENEFÍCIOS FÍSICOS E MORAIS

Saúde — Mergulhado no coração da Natureza e em pleno contacto com ela, o organismo fortifica-se, os músculos desenvolvem-se e endurecem por meio de trabalhos adequados, o equilíbrio nervoso restabelece-se, o apetite e a vontade de dormir, que há muito faltavam, voltam com grande intensidade, a par de fortes e duradouras energias, que oferece o sentimento duma sã e alegre liberdade.

Iniciativa — O espírito de iniciativa que existe em todos nós, ainda que nalguns adormecido, tem, constantemente, ocasião de se manifestar; desenvolve-se o gosto pelos trabalhos manuais, criam-se «engenhocas» para remover as dificuldades que possam aparecer, etc, etc.

Constantemente, os rapazes teem que dar provas de engenho e de iniciativa. Tudo isto, contribui para afastar e dissipar as possíveis brumas que poderiam existir nos seus cérebros, a respeito de tudo o que se relaciona com a vida do campo.

Conhecimento da Natureza — O contacto directo com todas as manifestações da Natureza, isto é: as plantas, os animais e, especialmente, os insectos, são uma contínua e bela lição das coisas. Devidamente orientados, os rapazes poderão organizar herbários, colecções de fósseis e pedras etc, etc. Conhecerão, por sinais, que até aí eram ignorados por eles, o tempo que fará no dia seguinte; aprenderão a observar os rastros dos animais selvagens e o vôo dos pássaros; conhecerão todos os frutos, árvores e flores, saberão onde encontrar água, conhecerão quais os cogumelos bons e os venenosos; aprenderão a calcular as horas pela altura do sol, aprenderão a orientar-se e muito mais coisas que virão a seu tempo.

Bom humor e alegria — A grande quantidade de pequenos trabalhos, ingratos mas indispensáveis, formará o carácter dos rapazes e dar-lhes-á o gosto de prestar serviços a alguém, sem resmungarem e sem maus modos.

Além disso, os jogos e brincadeiras em comum, sem vaidades de espécie

alguma, sem primazias nem preferências por determinados companheiros, mas sim por todos em geral, contribuirão, enormemente, para uma alegria e bem estar gerais.

Amizade — A marcha e vida em comum com os companheiros, as pequenas aventuras partilhadas entre eles e que constituirão, no regresso, uma lembrança agradável e um motivo para novas galhofas e brincadeiras; a colaboração desinteressada nos mesmos trabalhos, são a base de sinceras e preciosas amizades.

Bem-estar físico — Nada é melhor para a saúde, do que a vida ao ar livre, deixando a pele ser acariciada pelos



benéficos raios do Sol, longe da atmosfera viciada dos cinemas, do barulho ensurdecedor do tráfico urbano, respirando um ar puro que irá tonificar os pulmões e dar, portanto, ao organismo novas energias, praticando exercícios ginásticos apropriados, saltando, pulando, criando músculos e elasticidade em jogos alegres e bons.

Junte-se a tudo isto, uma alimentação simples e sã e os resultados serão evidentes dentro de pouco tempo.

Bem-estar moral — Emfim, longe das más influências e dos exercícios nefastos da vida citadina, os rapazes sentir-se-ão inclinados às reflexões sérias mas agradáveis, pela contemplação

dos belos e magestosos espéctáculos da Natureza, como um céu estrelado, uma noite tépida de verão, ou um dia de sol radioso e céu azul. Devido a todas estas vantagens, fica bem patente o alto valor educativo do «Camping» e lançadas nas colunas do «Pim-Pam-Pum,» o interessante jornalzinho lido por todos os rapazes de Portugal, idéas práticas e preciosas para a organização dum campo e para vencer a timidez e as hesitações, naturais em quem é novo. O «Camping» deve ser conhecido e praticado por todos, porque, segundo o gosto de cada um, poderá revestir a forma que lhe convier melhor.

Conhecidas, assim, as vantagens da prática do «Camping», cujo alcance, tanto físico como moral, todos notaram já «com olhos de ver, no próximo número publicaremos a 2.ª Lição que tem por título: — O acampamento e o material necessário para a sua organização!» Estais satisfeitos? Então, até à próxima semana!



CONCURSO DOS PALACIOS E MONUMENTOS

Avisam-se todos os concorrentes que desejem a devolução das suas cardernetas, de que devem reclamá-las na redacção do nosso suplemento, no prazo de 8 dias findo o qual nos não responsabilizamos pelo estrago ou extravio das, mesmas.

Os concorrentes da província que não no-las tenham, ainda, solicitado, deverão enviar-nos a respectiva morada e a necessária franquia para a sua imediata devolução.

Já me beijaste sem querer,
O' meu amor infiel,
Os beijos, quando roubados,
Sabem a favos de mel.

Jurei amar-te, e tu logo
Ficaste toda contente.
Lembra-te, amor, do ditado:
Que quem mais jura mais mente.

Santo António já não casa
As raparigas solteiras,
Sendo frade, Santo António
Quer deixá-las para freiras.

A Máscara Mágica

Adaptação de LEONOR DE CAMPOS

EM certo país vivia um rei, poderoso e forte. Mas este governava o seu povo com tanta severidade, que ninguém o estimava. Pelo contrário: as maneiras rudes, o sobreceño carregado, olhar duro, o coração insensível, só inimigos e adversários lhe acarretavam. Perdera o hábito de sorrir. E o seu rosto de homem novo, tinha adquirido uns vincos e rugas que o faziam parecer bem mais velho.

Ora, um dia, o rei pensou em se casar. Justamente no reino vizinho vivia uma princesa, linda e bondosa, que, por todos os motivos, lhe convinha. O rei então disfarçado, introduziu-se nesse reino. Durante algum tempo seguiu a princesa, sem que ela o suspeitasse, a fim de a ficar conhecendo bem. E quando deu por terminada a sua vigilância, estava apaixonado. As excelentes qualidades da princesa tinham-lhe conquistado o coração.

Voltou para o seu reino. E resolveu, logo, convidar a princesa para passar algum tempo no seu palácio. O intuito dele era agradar tanto à menina quanto ela lhe agradara.

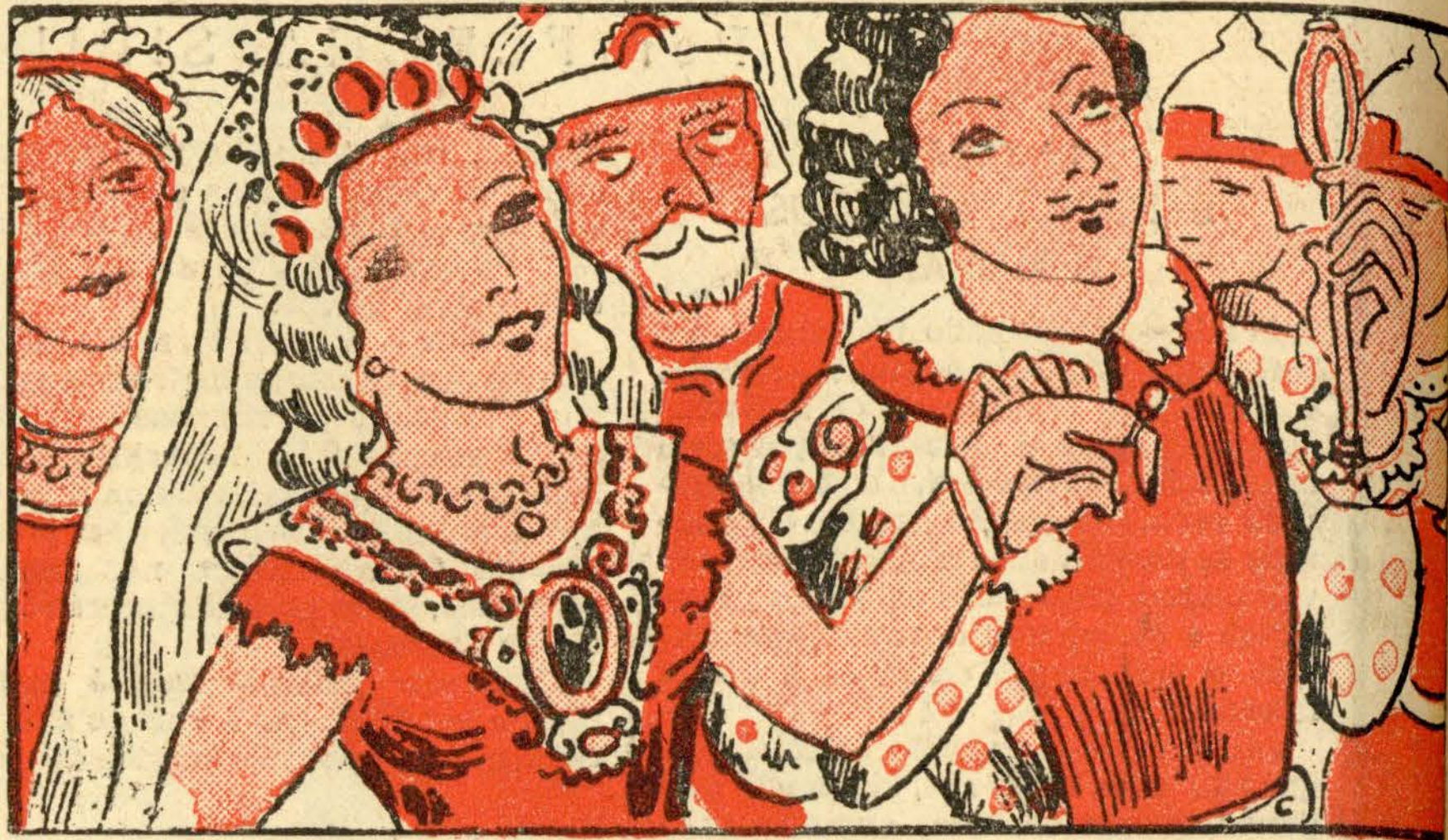
A princesa aceitou.

Mas, na véspera da sua chegada, o rei viu-se bem ao espelho e recuou, desolado.

— «Ah... — exclamou — com esta cara tão severa, uns olhos maus como eu tenho, estes vincos aos cantos da boca, a princesa não gostará nunca de mim!... Que fazer? ! Se não casar com ela, serei um desgraçado...»

Durante algum tempo chorou e arrependeu-se. Mas, por fim, sossegou. Como com lágrimas nada remediaria, começou a pensar na forma de resolver o caso. E, por fim, decidiu-se. Mandou chamar o maior sábio do seu reino e falou-lhe assim:

— «Sábio Sabão: quero que me faças



imediatamente uma bela máscara de cera com as minhas feições. Mas pinta-a com arte, de maneira que em vez de apresentar traços duros e sombrios, aparente bondade e alegria. Dar-te-ei por ela o que desejares, contanto que seja perfeita...»

E o sábio respondeu:

— «Sim, meu senhor. Farei o que pedistes. Mas com uma condição. Enquanto a tiverdes colocada, será preciso que conserveis as feições iguais às da máscara. E para isso é apenas necessário que vos acostumeis a ter só pensamentos bondosos, a fazer boas acções e a tratar bem toda a gente, desde o senhor mais poderoso ao vosso mais humilde vassalo...»

— «Mas isso é quasi impossível...»

— «Não, meu senhor. Se vossa magestade quizer, consegui-lo-á. Porque, lamento muito ter de o confessar, a máscara estragar-se-á e cairá imediatamente se vossa

magestade franzir o sobrôlho, ou arrepanhar os lábios numa expressão de crueldade...»

O rei hesitou um pouco. Mas, por fim replicou:

— «Está bem. Aceito as tuas condições. Amanhã, de manhã, sem falta, terás que apresentar-te aqui, com ela, para ma colocares...»

Na manhã seguinte apareceu o sábio com a máscara maravilhosa. Esta era tão perfeita, tão fina, tão bem acabada que depois de colocada, ninguém diria que não era o verdadeiro rosto do rei.

Contentíssimo com ela, o monarca recompensou o sábio Sabão, com munificência. Mas este disse-lhe ainda:

— «Antes de me ir embora, senhor, quero ainda pedir-vos o seguinte: Para que a expressão do vosso rosto corresponda à máscara, tratai de proteger os pobres, abri escolas e oficinas; esforçai-vos porque em volta de vós haja paz, harmonia e alegria. E vereis que a vossa máscara durará indefinidamente, sem que ninguém suspeite de que a trazeis...»

O rei prometeu aceder aos desejos do sábio e cumpriu.

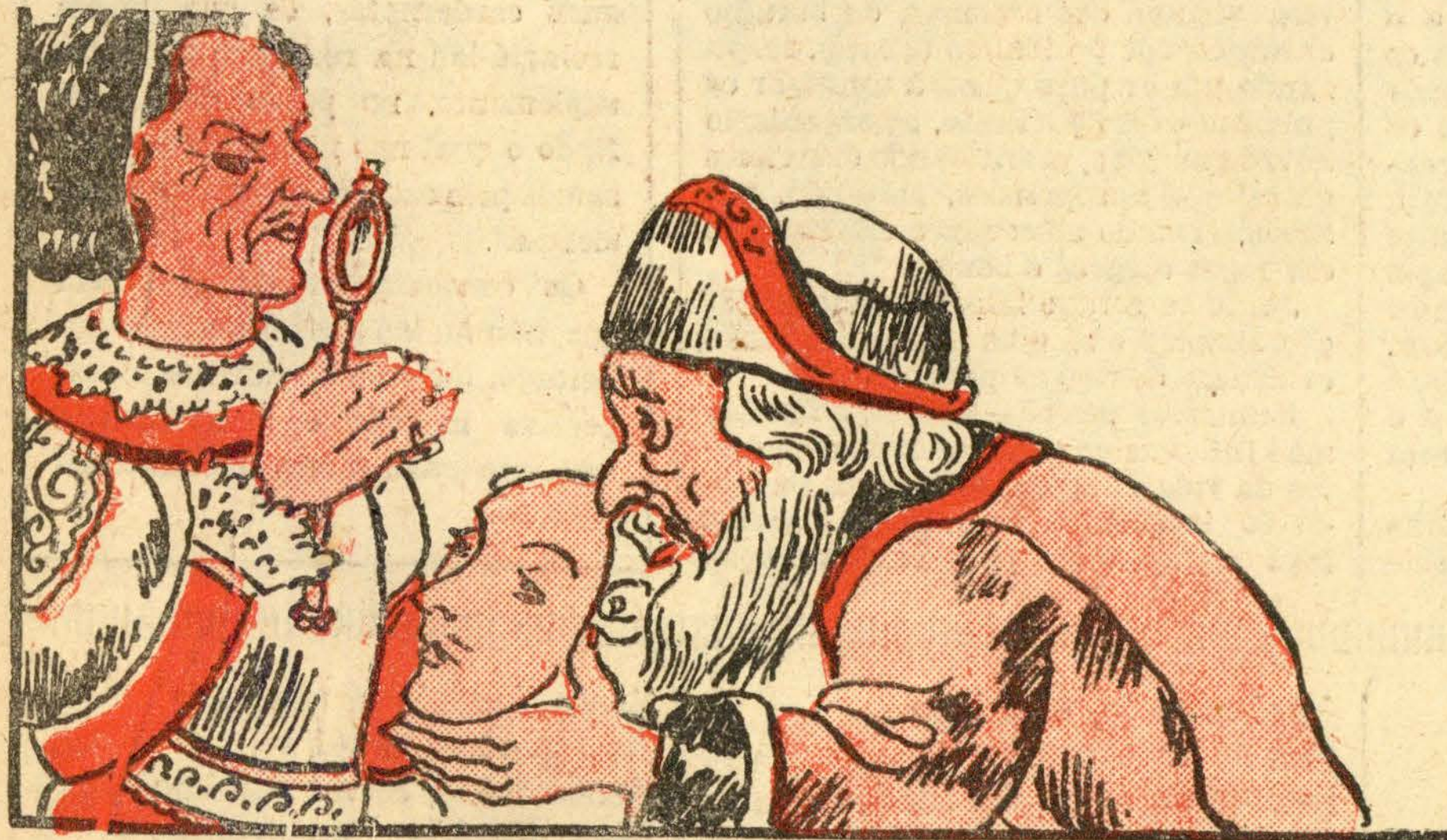
A princesa gostou muito do rei, das suas maneiras delicadas e bondosas e casou com êle.

Passados alguns meses de felicidade, durante os quais a vontade do rei conseguiu dominar os seus maus instintos, este começou a entristecer.

Quando a linda rainha o felicitava pela sua paciência e bondade, o rei sentia remorsos. Pensava êle:

— «Afinal, não sou tão bom como ella julga. Todos os dias estou a enganar-me, visto que uso um rosto que não é o meu...»

E um dia resolveu acabar com a máscara, mandou chamar de novo o sábio Sabão e pediu-lhe:



(Continua na página 8)

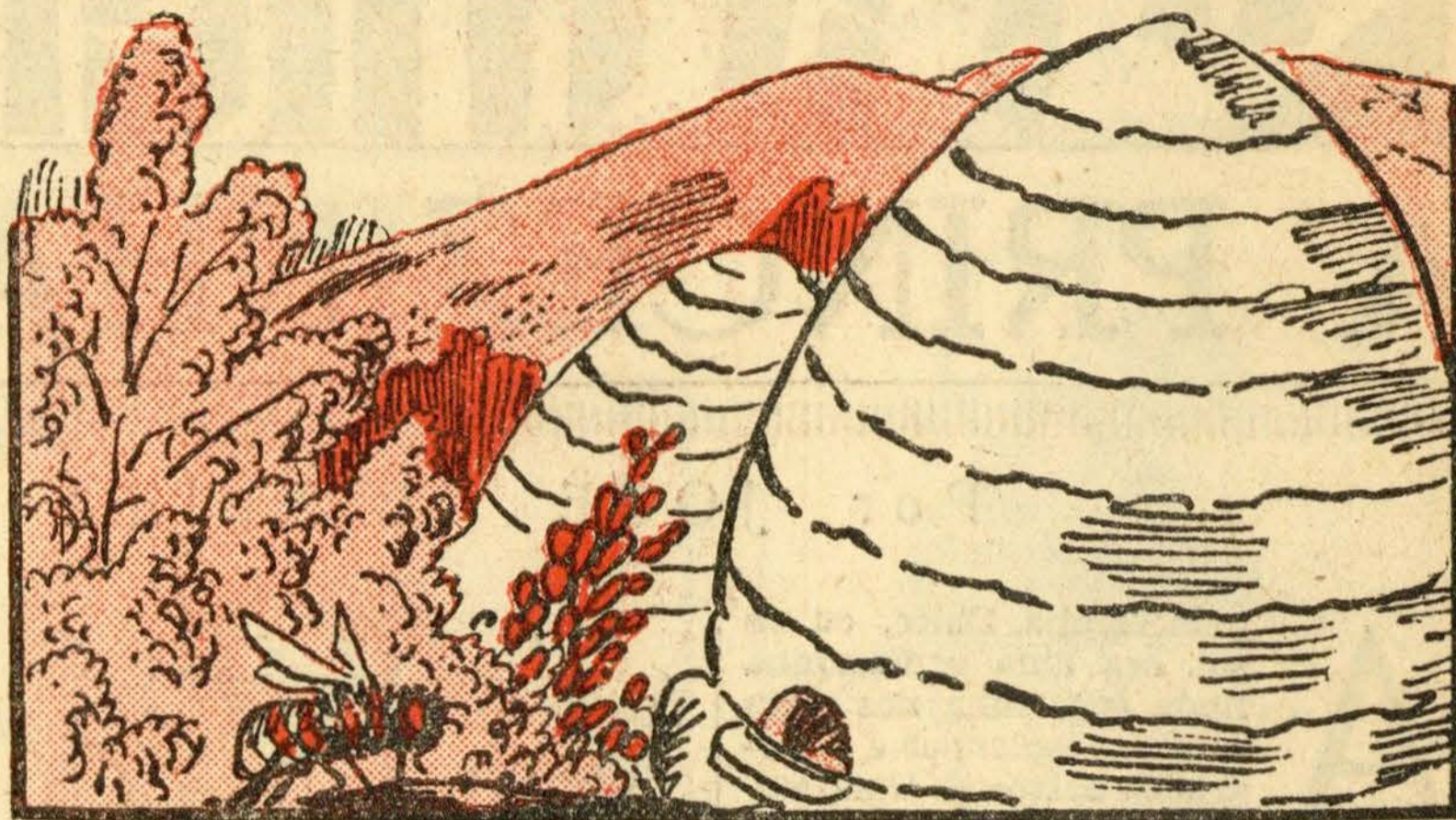
DESOBEDIÊNCIA CASTIGADA

Por FELIZ VENTURA

AQUELA senhora Abelha tinha mesmo muita telha, pois que, sem ser em serviço, andava, constantemente, sempre fóra do cortiço. Por isso, severamente, a tinha repreendido a Abelha-Mestra, a rainha, porque sua magestade não qu'ria tal liberdade; até certo orgulho tinha de manter tudo na linha, ali dentro do palácio.

E até o senhor Zangão, que o bico ali não abria, também veio a concordar (com certo ar de vaidoso por o deixarem falar) que era muito perigoso a rebelde assim andar.

Foi por isso que o conselho, convocado a tôda a pressa,



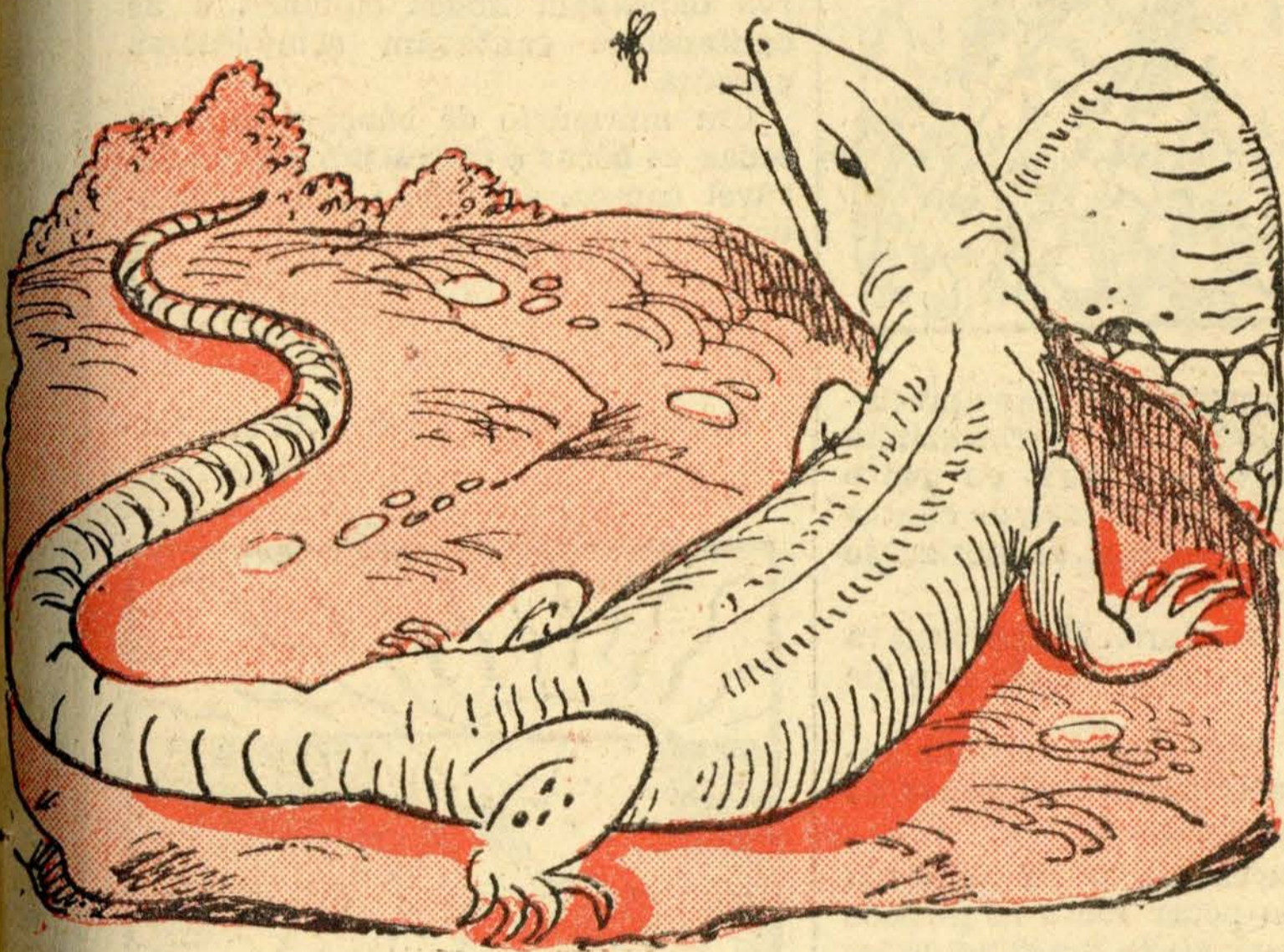
tôdas as outras podiam igual sistema adoptar. E depois as que saíssem não tornavam a voltar, que o lagarto Guela Aberta declarara guerra certa a todos os componentes

E o monstro, ria que ria, cheio de satisfação! Pois tinha certo o almôço sem esforço ou ralação!

Mas o certo é que a abelhinha Ria de tantos temores e tais nomes, tais horrores chamou aos sábios doutores que êstes, todos irritados, fizeram queixa à Rainha. Mas ela não se ralou; Na mesma continuou.

Ora, certa manhãzinha, recebe ordem da Rainha, pela camareira-mór,

(Continua na página 8)



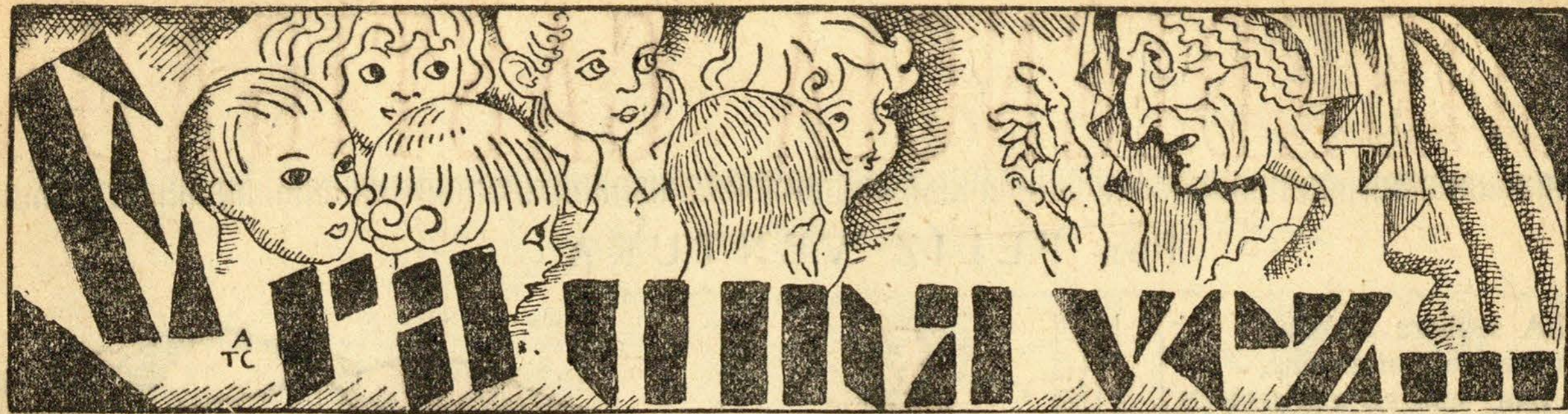
resolveu e entendeu que, dêsse dia em diante, se afixasse um edital dizendo: — «Costume tal é desde já proibido.»

Se bem severas medidas não viessem a tomar,

de tão antiga nação e punha-se à porta, alerta, desde o sol nado ao serão.

Tôda a abelha que saía já sabia a sua sorte: não escapava da morte.





A PRINCEZINHA do SOL

Por JOSÉ TEIXEIRA JUNIOR

A princezinha Dulce, ou do sol, era uma princezinha linda que tinha nos olhos a luz, o esplendor e a alegria do astro-rei. Uma mulherzinha muito gentil, atraente e luminosa, que, quando aparecia, era o ên-lêvo das meninas pobres e das avezi-nhas.

Quando se deixava vêr era como o sol que tudo iluminava. Era o próprio sol, assim transformada por estranho capricho da Natureza.

Habitava, quâsi sempre, numa Ilha oriental, de onde apenas saía quando queria mostrar-se e ser admirada.

Nessa Ilha, verdadeira terra de sonho e de encanto, havia sempre perfumes alacres e exóticos, que eram uma delícia. Vinham êles do açafão e da baunilha, dos cravos da Índia e do aloês de tôda a flora aromática e embriagadora do Oriente. Por isso, quando a princezinha do sol aparecia, espalhava-se sôbre a terra uma luz clara e quente e uma onda de perfumes inebriantes, que as meninas e as avezi-



nhas não compreendiam mas apreciavam, sobretudo porque a princezinha do sol, muito ao contrário do que o astro-rei faz, não precisava de contar as horas para aparecer no horizonte e iluminar a Ilha.

Vinha quando queria. Transformava a noite em dia pleno quando isso lhe era agradável.

E não há nada capaz de mais impressionar as crianças e as flores do que um tal capricho.

Mas a princezinha do sol tinha um extraordinário poder sôbre as pessoas e as coisas, que ainda lhe dava maior prestígio e a fazia mais querida e admirada.

Quando saía da linha do horizonte, luminosa, perfumada e redentora, não eram só as meninas e as avezinhas que se extasiavam com tal aparição e dela se vangloriavam.

Tôda a Ilha, de onde provinha, ficava envolvida num ambiente perfumado e misterioso. Desabrochavam as flores; as árvores cobriam-se de frutos, e as searas cresciam rapidamente, dando

abundância de pão a todos, muito especialmente aos meninos e às avezinhas.

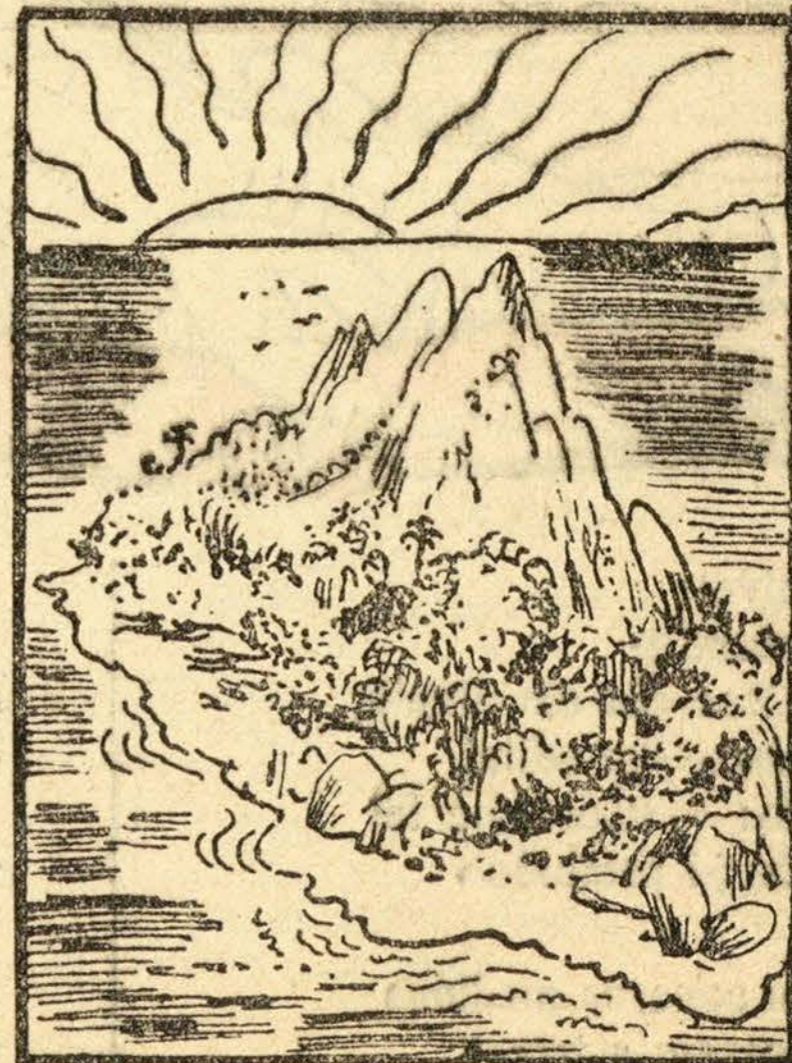
Quando a princezinha do sol passava, a Felicidade, a Alegria e a Abundância iam ao seu encontro, espalhando-se, depois, por tôda a Ilha, enchendo todos com os seus próprios predicados.

Era um verdadeiro paraíso.

Os próprios cêguinhos tocavam, nos seus violinos, hinos de glória e de louvor à princezinha do sol; as bailadeiras dançavam lindos bailados, e as cantadeiras cantavam comovedoras canções.

Um murmúrio de bênçãos saía de todas as bôcas e caía sôbre a sua adorável cabeça, aureolada pelo resplendor da luz luminosa do sol.

Quando praticava o Bem, a sua for-



CONCURSO: - Grandes de Portugal

VERSOS de FRANCISCO VENTURA — DESENHOS de MANUEL FERREIRA



39

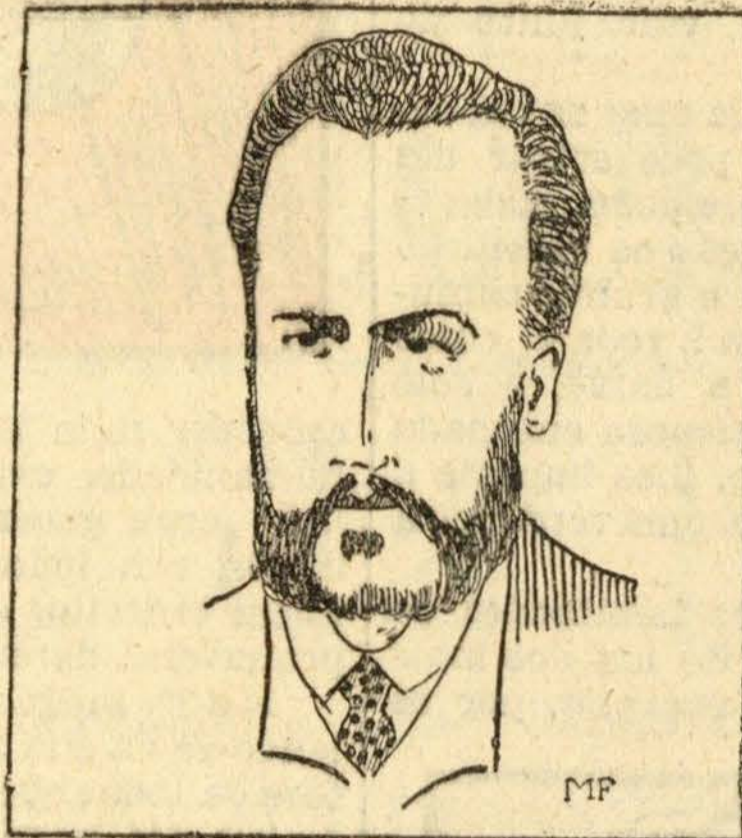
Rei por muito pouco tempo,
Foi um rei sem ter igual.
Outro, assim, não mais se viu
No trono de Portugal.

Amigo dos pobresinhos,
Tinha em si bondade tanta,
Que já se dizia que era
Igual à Rainha Santa.

A febre amarela e o cólera
Enchiam todo o país,
Fazendo tantas desgraças,
Tornando a Pátria infeliz.

Mas o Rei, sem medo ao Mal,
E aos seus efeitos fatais,
Os enfermos consolando,
Percorria os hospitais.

E dizia sorridente:
«Ai, que bem aqui me sinto!»
Foi na terra como um santo
O bom rei



40

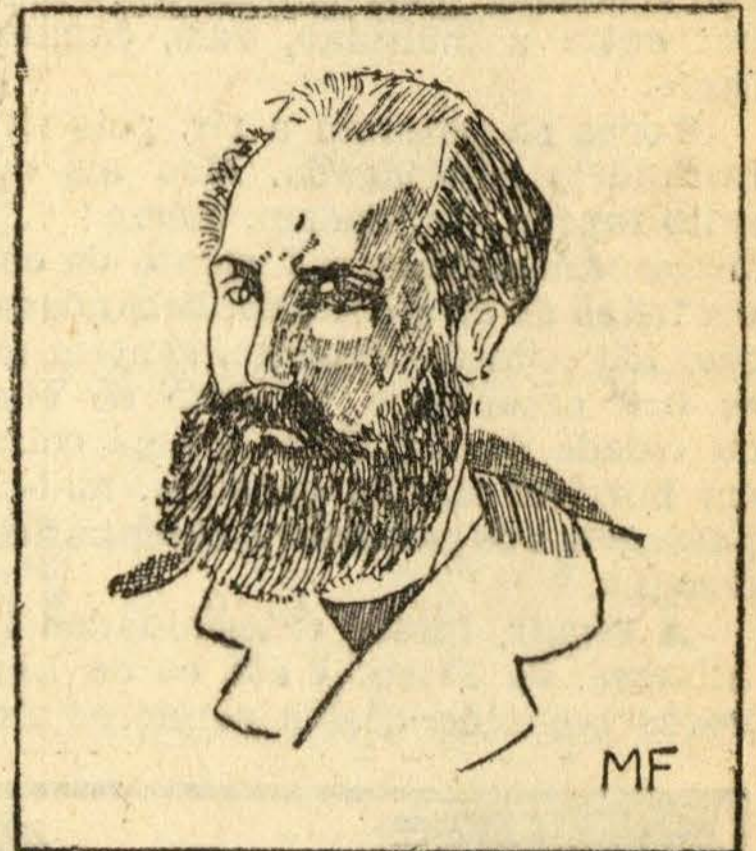
«As Pupilas do Reitor»
Tão lindas com as estrêlas,
Nada tem a temer,
Que o Reitor vela por elas.

Meiga e boa «Morgadinha,
Dos verdes Canaviais»
Não te sintas desgraçada,
Pois há quem sinta os teus ais.

E se «Uma Família Inglesa»
Sofre, é por estar na cidade.
Os bons «Serões da Província»
Dão-nos a felicidade

E aqueles nobres «Fidalgos
Da Casa Mourisca?» São
Almas excelsas e lindas
Que já raras sendo vão.

Ora tudo isto, leitor,
Que o meu verso humilde diz,
São romances-maravilhas
Feitos por



41

Um poeta inigualado,
Que em verso prodígios fez,
E grande entre os grandes, é
Este ilustre português.

Seus lindíssimos «Sonetos».
Profundos, comevedores,
São eternas maravilhas,
São eternos esplendores.

Nunca se viu, não, de-certo
Sentimentos tão diversos,
Tão belos e tão humanos,
Encastoados nos versos.

São tristes? Mas porque o mundo
Não o soube compreender.
Quem tem o céu no seu peito,
Não sabe em terra viver.

Foi um dos grandes poetas
Nascidos em Portugal.
E talvez não haja outro
Como

mosura tentadora parecia aumentar,
ser cada vez maior.

Nas manhãs doiradas a princezinha
do sol — princezinha Dulce —, acom-
panhada pelas também lindas e encan-
tadoras princezinhas Fernanda, Tita

e Zita, suas irmãzinhas, iam visitar os
pombos, pavões e aves do paraíso que
enchiam de alvoroço e alegria os lar-
gos da Ilha.

Uma nuvem alada dessas aves gen-
tis, envolviam-nas, esvoaçando e arru-

lhando, graciosamente, em vôos que
pareciam bailados e em arrulhos que
pareciam segrêdos de amor,

TANTAS VEZES VAI O CÂNTARO À FONTE...

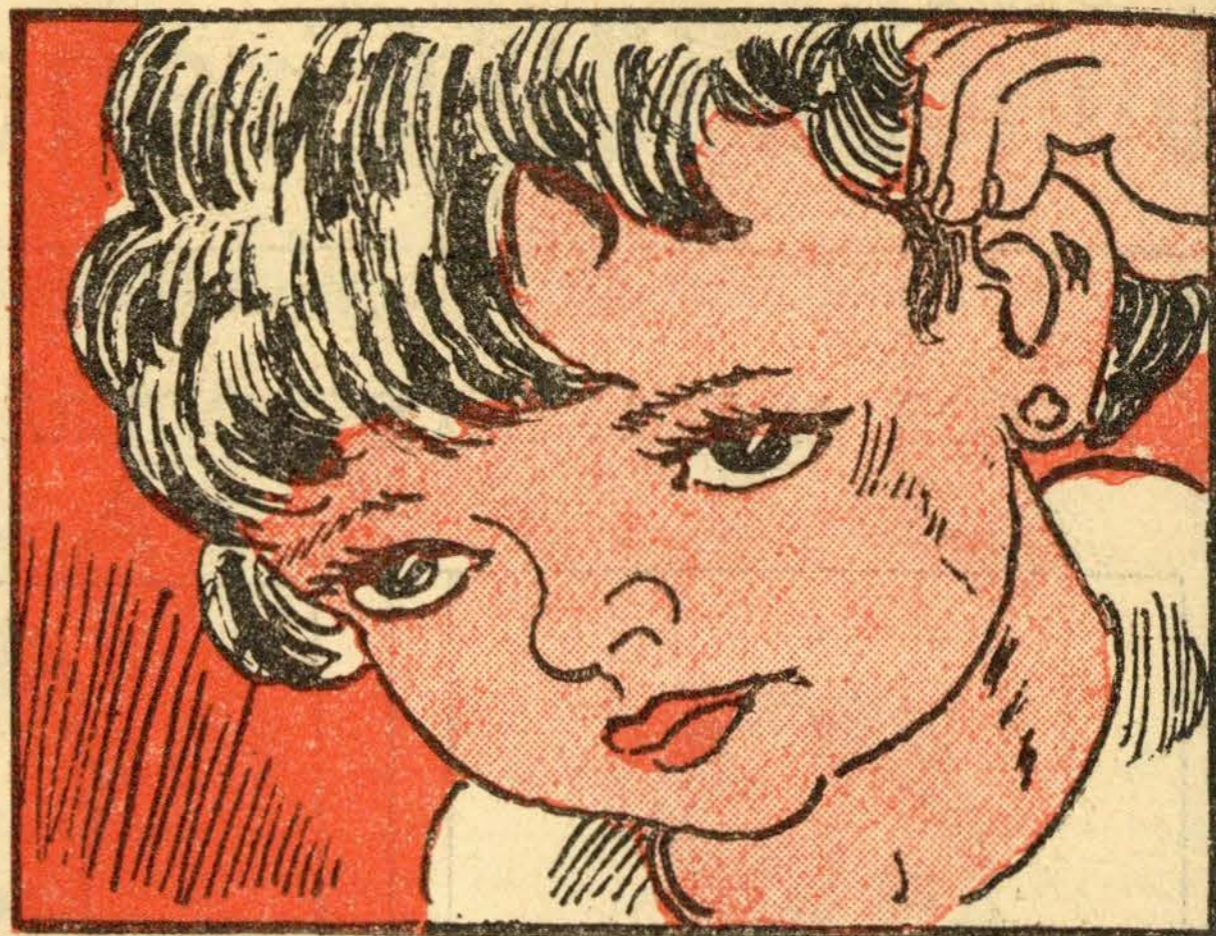
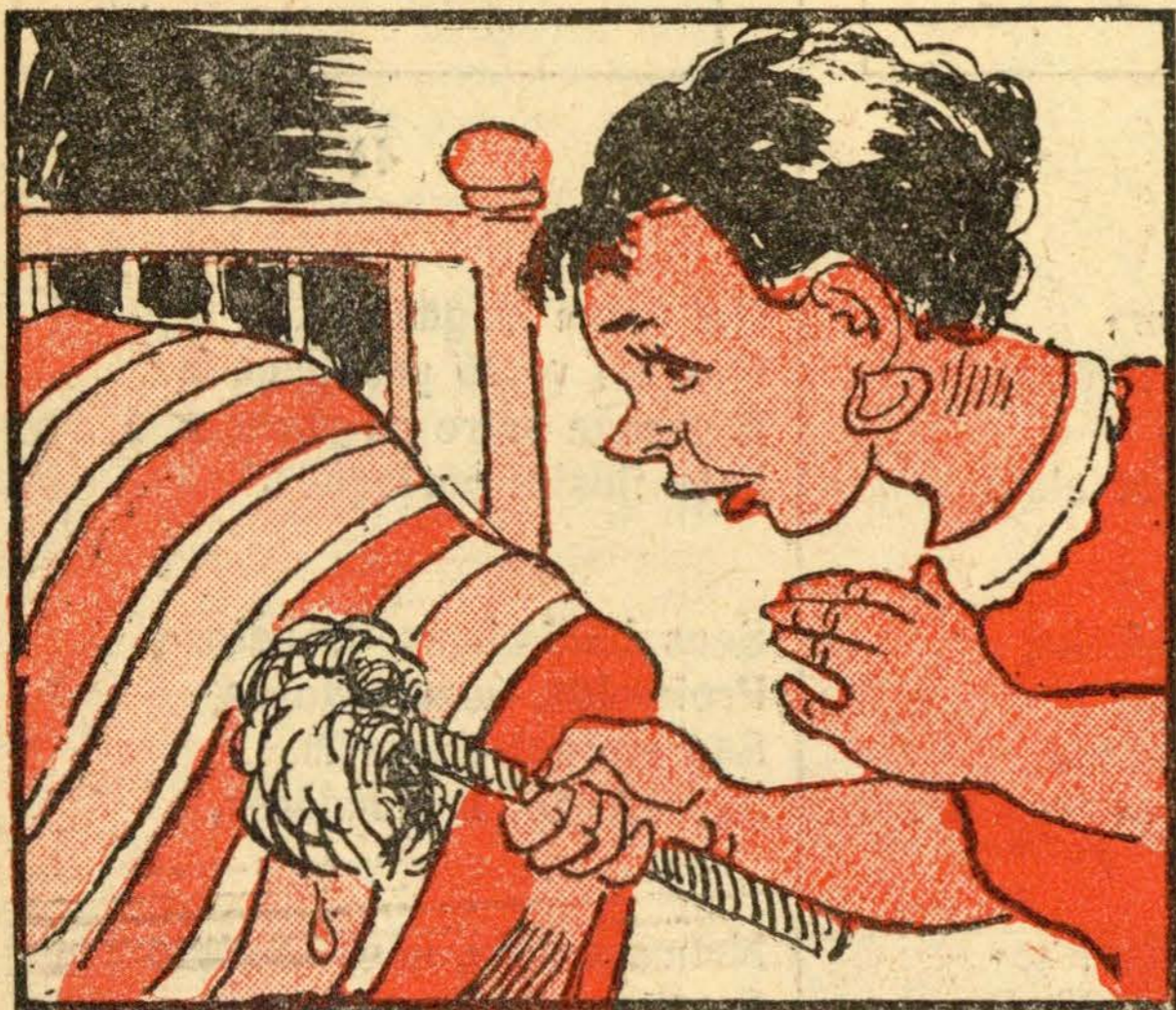
(Continuado da página 1)

não resistimos, para agora nos vemos atrapalhados com algum mandado de despejo... e...

Este arrazoado saiu da boca de D. Percevejo Roliço que suspendeu as suas censuras à D. Pulga Pinchona, olhando, surpreendido, para um novo colega que, abrindo caminho por entre a multidão, veio, cambaleando, cair junto do chefe.

Todos se puzeram a rir, pois viram nele apenas um retardatário embriagado. Mas eis que ele pôde soltar um grito rouco: — «Acudam, morro!... Salve-se quem puder!» Instantaneamente, o instinto da conservação os mobilizou em todas as direcções, em debandada geral e grande confusão. Mas, imediatamente, sentem a cabeça à roda e, como se um cataclismo voltasse de cima para baixo, o solo da cidade de Kol-Xões, e uma coisa monstruosa ensopada em horrível líquido cáustico, mal-cheiroso, lhes impedia a passagem e os paralisava, fulminando-os. Foi uma verdadeira chacina.

A seguir, foram exterminados todos os habitantes de Alisares, de Frisos e até os de Lambris. Só um dos mais novos rebentos destes senhores fidalgos escapou, por se



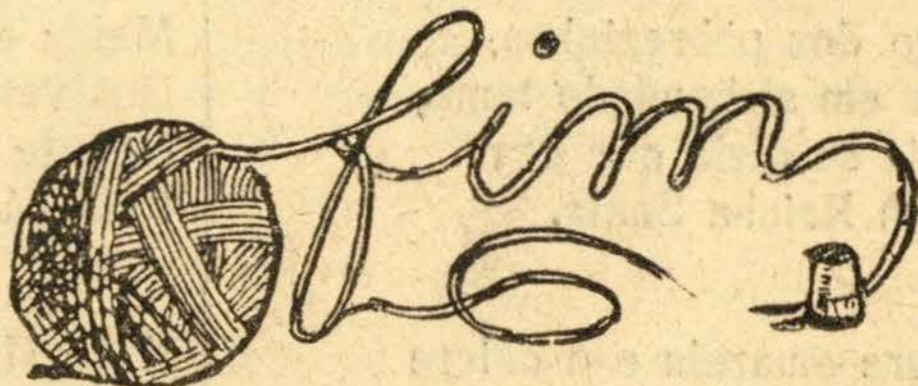
esconder num florão do tecto. Mas cresceu com tal ódio à humanidade, exterminadora infatigável da sua raça, que lhes jurou guerra eterna e sem tréguas, para a qual se impôs, e a toda a sua geração, a missão de criar e multiplicar exércitos durante o inverno, para logo, no começo da primavera, darem principio aos seus ataques.

E a D. Pulga Pinchona? perguntarão os meninos? Valendo-se da sua agilidade, saltou para o nariz da criada, autora de todo aquele morticínio, e dali para o tóuço, onde se meteu até passar o perigo. Depois continuou na sua vida aventureira, rindo-se, satisfeita de se poder escapar com a maior facilidade.

Mas, um dia, sentindo-se segura e confiante na sua agilidade, tanto mordeu na orelha da Néné, que a sua expedita mãozinha, mais rápida que o pensamento, caiu sobre ela, esmagando-a, sem lhe dar tempo a dizer: ai!

Assim acontece, meus amiguinhos, a todos os gabarolas, orgulhosos por serem mais espertos do que os outros. Ninguém confie na impunidade, pois tantas vezes vai o cântaro à fonte, que algum dia lá fica a asa.

É provérbio muito antigo mas muito verdadeiro.



A MÁSCARA MÁGICA

(Continuado da página 4)

— «Tira-me esta máscara. Prefiro mostrar à rainha a minha verdadeira cara do que estar a enganá-la, fingindo-me diferente do que sou...»

— «Está bem, senhor. Faça-se como desejais...»

E o sábio Sabão, cautelosamente, arrancou-lhe a máscara.

Com um suspiro de alívio mas, ao mesmo tempo, sereno, o rei aproximou-se do espelho. E qual não foi o seu espanto, quando nêle viu reproduzido um rosto igualzinho ao da máscara. As rugas e os vincos de mau génio tinham desaparecido. Bastava para isso que a maldade, a crueldade e a sua enorme altivez, tivessem dado lugar aos bons sentimentos e às boas acções.

E naquele reino, bem governado, com justiça mas também com coração, nunca mais ninguém se sentira infeliz, graças à maravilhosa descoberta do sábio Sabão.

*Meninos: não sejam maus!
Não tenham mau coração!...
Meninos maus... caras feias!...
Meninos bons... lindos são!...*

F

I

M

DESOBEDIÊNCIA CASTIGADA

(Continuado da página 5)

para dali não sair, pois tinha vindo avisar que o lagarto Guela Aberta, havia bastante tempo, andava, à porta, a rondar.

Mas ela, sem querer saber, sai e, logo, no bandulho do lagarto, sem barulho se foi sem perda meter.

Esta história pequenina, que vós acabais de ler, diz que a desobediência só mal nos pode trazer.